

Artigos de Revisão

Relações de gênero no karatê: uma revisão integrativa¹

Gender relations in karate: an integrative review

Relaciones de género en el karate: una revisión integradora



George Almeida Lima

Secretaria de Educação do Estado do Ceará, Campos Sales, Ceará, Brasil
george_almeida.lima@hotmail.com



Daniel Giordani Vasques

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
e-mail: daniel.vasques@ufrgs.br



Flávio Py Mariante Neto

Universidade Luterana do Brasil, Canoas, Rio Grande do Sul, Brasil
e-mail: flaviomariante@hotmail.com



Heraldo Simões Ferreira

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil
e-mail: heraldo.simoes@uece.br



Luiz Gustavo Bonatto Rufino

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil
e-mail: rufinolg@unicamp.br

Resumo Objetivou-se investigar as relações de gênero no karatê. Adotou-se a revisão integrativa da literatura a partir das bases SciELO, Lilacs e Scopus, em que seis textos compuseram o *corpus* deste trabalho. Dos estudos encontrados, cinco foram desenvolvidos entre 2018 a 2023 e cinco artigos foram desenvolvidos na Europa – Espanha, Inglaterra e Escócia – mostrando que este campo de estudos está centralizado nessas regiões. Nos espaços investigados, as mulheres precisam negociar sua participação a partir

¹ A presente pesquisa não recebeu financiamento de quaisquer natureza.

da adoção de posturas agressivas e combativas, concomitantemente, têm seu comportamento regulamentado pela feminilidade normativa, desencadeando maiores esforços para sua inclusão e permanência no karatê.

Palavras-chave: karatê; gênero; artes marciais.

Abstract: The objective was to investigate gender relations in karate. An integrative literature review was adopted from the SciELO, Lilacs and Scopus databases, in which six texts made up the corpus of this work. Of the studies found, five were developed between 2018 and 2023 and five articles were developed in Europe – Spain, England and Scotland – showing that this field of study is centralized in these regions. In the spaces investigated, women need to negotiate their participation through the adoption of aggressive and combative postures, at the same time, their behavior is regulated by normative femininity, triggering greater efforts for their inclusion and permanence in karate.

Keywords: karate; gender; martial arts.

Resumen: El objetivo fue investigar las relaciones de género en el karate. Se adoptó una revisión integradora de la literatura de las bases de datos SciELO, Lilacs y Scopus, en la que seis textos constituyeron el corpus de este trabajo. De los estudios encontrados, cinco se desarrollaron entre 2018 y 2023 y cinco artículos se desarrollaron en Europa -España, Inglaterra y Escocia-, lo que demuestra que este campo de estudio está centralizado en estas regiones. En los espacios investigados, las mujeres necesitan negociar su participación mediante la adopción de posturas agresivas y combativas, al mismo tiempo, su comportamiento es regulado por la feminidad normativa, desencadenando mayores esfuerzos por su inclusión y permanencia en el kárate.

Palabras clave: kárate; género; artes marciales.

Submetido em: 16 de abril de 2024

Aceito em: 3 de junho de 2024

1. Introdução

As práticas corporais constituem-se como fenômenos culturais que permeiam as relações sociais entre os seres humanos, baseadas em distintas significações, tais como apropriações para o lazer, saúde, estética, educação etc. Considerando-as como manifestações sociais delineadas por relações de poder, elas também produzem e reproduzem representações de gênero (Adelman, 2006). Nesse sentido, muitas práticas corporais, a exemplo de modalidades de lutas e artes marciais, como o karatê, *lócus* deste estudo, foram historicamente construídas como territórios de hegemonia e representação masculina, produzindo padrões físicos e comportamentais galgados nessa representação de gênero (Elias; Dunning, 2019).

Nesse sentido, a hierarquização entre gêneros é consubstanciada pela ideia de masculinidade hegemônica (Connell; Messerschmidt, 2013), o qual considera a virilidade, a agressividade e a combatividade como atributos eminentemente masculinos. Nesse sentido, quaisquer comportamentos que não correspondam a essas normativas impositivas acabam sendo estigmatizados de diferentes formas (Connell, 2016).

Entretanto, como afirma Elias (1994), as sociedades passam por constantes transformações que impactam nas relações entre os elementos que as configuram. Nesse sentido, a partir de dinâmicas que envolvem o processo civilizador presente nas sociedades e a interdependência entre esses elementos, emergem-se elementos que operam para o desenvolvimento de novas concepções sociais, dentre elas, as concepções ontológicas que buscam, por um lado, diminuir os desequilíbrios do balanço de poder entre homens e mulheres (Vieira; Freitas Júnior, 2020). Numa outra direção, tais processos buscam romper os binarismos homem/mulher, contribuindo para a expansão de percepções que envolvem as construções de gênero a partir de uma ótica cultural (Connell, 2016).

À vista disso, considera-se que as definições de masculinidades e feminilidades não são fixas, mas construídas a partir de

uma relação de alteridade entre identidades, discursos e práticas (Fernandes *et al.*, 2015; Goellner, 2013). Dessa forma, as construções de gênero consideram as relações entre sexo, gênero, classe, raça e cultura, desencadeando o reconhecimento de distintas representações de gênero (Devide; Brito, 2021), por meio de ações de interseccionalidade (Akotirene, 2019).

As fronteiras que constituem as relações de gênero no campo das práticas corporais de combate são atravessadas por alguns elementos, tais como a sexualidade de praticantes de MMA (Channon; Matthews, 2015), a transgeneridade de atletas (Grespan; Goellner, 2014) e a participação das mulheres em modalidades nas artes marciais (Fernandes *et al.*, 2015). Apesar de as mulheres adentrarem esses espaços, alguns elementos ajudam a manter as desigualdades de gênero, como (i) hierarquias de gênero; (ii) feminilidade normativa; (iii) mídias; (iv) objetificação corporal e (v) exclusão social da mulher (Souza; Franco, 2021).

Especificamente no campo do karatê, estudos tem demonstrado os traços masculinizantes das condutas desenvolvidas em sua prática (Maclean, 2015), bem como os impactos das interações entre homens e mulheres nas negociações e desempenho esportivo para a prática (Channon; Matthews, 2015). Um ponto central demonstrado pela literatura alude à necessidade de demonstração exacerbada da habilidade como um fator de negação do feminino e de aproximação ao padrão masculino para a prática do karatê em mulheres (Smith; Weinstein; Tanur, 1981). Todavia, propostas mais recentes têm assinalado para o potencial existente entre a integração entre gêneros na prática do karatê pode situar homens e mulheres em relacionamentos mutualmente respeitosos (Maclean, 2018).

Embora os estudos sobre gênero no campo das práticas corporais de combate sejam emergentes (Lima; Macêdo; Millen Neto, 2023), estudos sobre gênero e karatê ainda são limitados (Turelli *et al.*, 2022a; 2022b), fazendo-se necessário o desenvolvimento de trabalhos que abordem o fenômeno em questão. Também não foram encontrados artigos de revisão sobre as relações de gênero no karatê, fato que demonstra a necessidade de investigações

correspondentes a essa discussão. Nesse sentido, este estudo objetivou investigar e compreender as relações de gênero no karatê por meio de uma revisão integrativa da literatura.

2. Percurso metodológico

Este estudo, qualitativo e descritivo, se configura como uma revisão integrativa da literatura. Segundo Botelho, Cunha e Macêdo (2011), este tipo de estudo busca analisar trabalhos já publicados, possibilitando novas inferências sobre os fenômenos a serem investigados. Essa revisão deve ser desenvolvida de maneira reflexiva, levando em consideração a mutabilidade dos fenômenos, suscitando o desenvolvimento de novas interpretações.

A coleta de dados foi realizada entre janeiro e fevereiro de 2024 e não contou com recorte temporal. Foram utilizadas as seguintes bases de dados: (i) SciELO; (ii) Lilacs e (iii) Scopus. A utilização destas bases justifica-se pela sua capacidade de congregar artigos com rigor avaliativo. Foram utilizados os seguintes descritores: Gênero AND “Artes Marciais”; Gênero AND “Esportes de combate”; Gênero AND Karatê; Gender AND “Martial Arts”; Gender AND “Combat Sports” e Gender AND Karate. O quadro 01 apresenta a quantidade de artigos encontrados.

Quadro 01 – Quantidade de artigos encontrados

Descritor	SciELO	Lilacs	Scopus	Total
Gênero AND “Artes Marciais”	02	15	0	17
Gênero AND “Esportes de combate”	01	03	0	4
Gênero AND Karatê	01	14	01	16
Gender AND “Martial Arts”	03	17	282	302
Gender AND “Combat Sports”	01	05	141	147
Gender AND Karate	02	15	88	105
Total	10	69	512	591

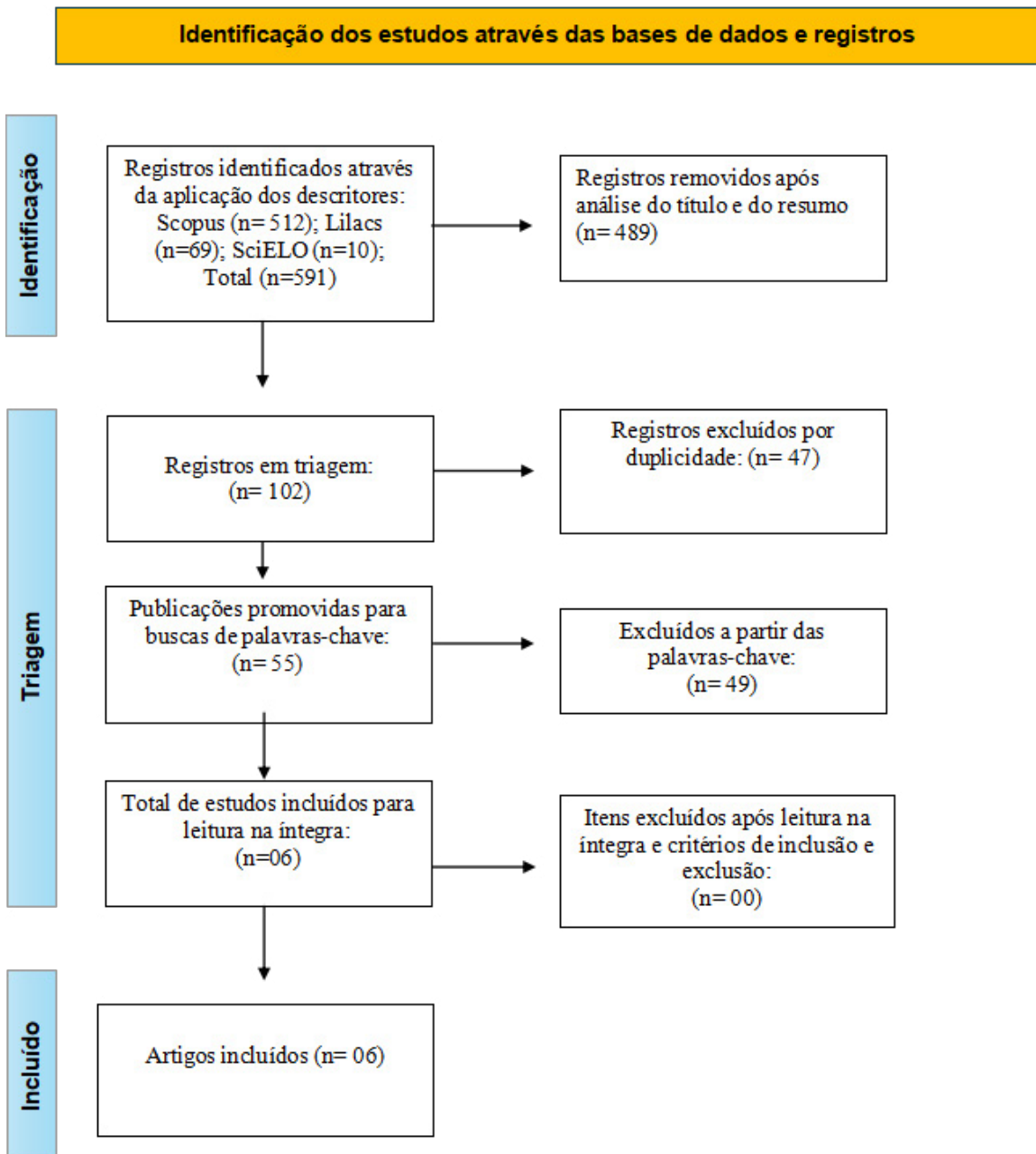
Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Foram utilizados, como critérios de inclusão: (i) artigos científicos; (ii) trabalhos com dados primários; (iii) trabalhos publicados em quaisquer idiomas, (iv) artigos que apresentassem discussões sobre as relações de gênero no karatê. Foram excluídos: (i) artigos que apresentassem análises quantitativas cujas discussões e objeto não se centralizam nas relações de gênero.

A seleção do *corpus* deste estudo atendeu às inferências de Sampaio e Mancini (2007). No primeiro processo de triagem, dois autores selecionaram os textos de maneira independente, classificando esses textos em “incluído”, “excluído” ou “incerteza”. Caso algum texto fosse classificado como “incerteza”, um terceiro autor realizaria o desempate.

O primeiro processo de coleta considerou a leitura e análise do título e do resumo dos trabalhos, em que deveriam apresentar elementos que retratam as relações de gênero em artes marciais ou esportes de combate. Nesse primeiro processo, foram incluídos 102 artigos. O segundo procedimento considerou a análise de textos duplicados, em que foram excluídos 47 artigos, restando 55 que foram incluídos para a próxima triagem, que se configurou como a busca por palavras-chave dentro do texto. Nesse sentido, os textos deveriam possuir a palavra karatê. À vista disso, 49 artigos foram excluídos por não apresentarem o termo “karatê”. Nesse sentido, seis artigos foram incluídos para a leitura na íntegra, entre os quais nenhum foi excluído. Dessa forma, seis artigos compuseram o *corpus* analítico deste estudo. A figura 01 apresenta o processo de triagem dos artigos.

Figura 01 – Processo de triagem dos artigos



Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Os seis artigos incluídos neste estudo foram inseridos em uma planilha, que considerou variáveis como: (i) título do artigo; (ii) objetivo; (iii) metodologia; (iv) resultados e (v) considerações finais. A análise dos dados foi realizada a partir da análise temática proposta por Braun e Clarke (2006), considerando: (i) familiarização dos dados, (ii) geração de códigos iniciais, (iii) busca por temas, (iv)

revisão dos temas, (v) definição e denominação dos temas e (vi) produção do relatório final. A aplicação dessas diretrizes possibilita o agrupamento das informações a partir de temas específicos.

3. Resultados e discussão

Foram incluídos seis estudos nesta revisão (Maclean, 2018; Maclean, 2019; Turelli; Vaz; Kirk, 2023; Turelli *et al.*, 2022a; Turelli *et al.*, 2022b; Turelli; Vaz, 2011). A análise dos textos considerou os principais achados dos trabalhos e dados relacionados a autoria e elementos que envolvem a publicação. O quadro 02 apresenta dados dos artigos encontrados.

Quadro 02 – Dados dos artigos

Periódico	Autores(as)	Título	Método	Local do estudo
Leisure Studies	Maclean, Chloe (2019)	Knowing your place and commanding space: de/constructions of gendered embodiment in mixed-sex karate	Etnografia	Escócia e Inglaterra
Sex Integration in Sport and Physical Culture	Maclean, Chloe (2018)	Friendships worth fighting for: bonds between women and men karate practitioners as sites for deconstructing gender inequality	Etnografia	Escócia e Inglaterra
Social Sciences	Turelli, Fabiana Cristina; Vaz, Alexandre Fernandez; Kirk, David (2023)	I've Always Fought a Little against the Tide to Get Where I Want to Be'—Construction of Women's Embodied Subjectivity in the Contested Terrain of High-Level Karate	Autoetnografia	Espanha

Relações de gênero no karatê: uma revisão integrativa

George Almeida Lima . Daniel Giordani Vasques . Flávio Py Mariante Neto . Heraldo Simões Ferreira .
Luiz Gustavo Bonatto Rufino

Educación Física y Ciencia	Turelli, Fabiana Cristina; Kirk, David; Tejero-Gonzalez, Carlos María E Vaz, Alexandre Fernandes (2022a)	Performar como mujer en el kárate Olímpico: un análisis cualitativo del Mundial 2018	Etnografia	Espanha
Physical Education and Sport Pedagogy	Turelli, Fabiana Cristina; Vaz, Alexandre Fernandez; Tejero-González, Carlos María; Kirk, David (2022b)	'Fighting like a girl': qualitative analysis of the gendered movement learning in the Spanish Olympic karate team	Etnografia	Espanha
Revista Estudos Feministas	Turelli, Fabiana Cristina; Vaz, Alexandre Fernandez (2011)	Lutadora, pesquisadora: lugares, deslocamentos e desafios em uma prática investigativa	Etnografia	Brasil

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

Inicialmente, podemos destacar que há um baixo número de publicações sobre as relações de gênero no karatê, com a maior incidência de publicações entre 2018 e 2023, em que foram publicados cinco artigos neste período. Podemos inferir que o aumento de publicações neste período pode estar evidenciado ao fato de o karatê ter sido incluído como esporte-demonstração nos Jogos Olímpicos de Tóquio (ocorridos em 2021), em que houve maiores aplicações financeiras, maior número de competições nacionais e internacionais e maior suporte para atletas, desencadeando maior visibilidade midiática ao karatê (Amaral; Mazzei, 2021).

Todavia, embora possamos perceber uma maior visibilidade do karatê a partir de sua inclusão nos Jogos Olímpicos, Lima, Macêdo e Millen Neto (2023) destacam que essa prática ainda não se consolidou como atividade eminentemente midiática, tendo em vista a preservação de elementos tradicionais que implicam em múltiplas possibilidades de vivência do karatê. Em estudo realizado por Lima, Macêdo e Millen Neto (2023), cujo objetivo foi

analisar a produção acadêmica brasileira sobre a participação das mulheres na prática das artes marciais, foi encontrado apenas um estudo sobre o karatê. Com efeito comparativo, os autores e autoras encontraram mais estudos sobre MMA (4), judô (4) e boxe (2). Desse modo, podemos perceber que atividades que possuem maiores processos de midiaticização parecem atrair maior interesse de estudos sobre relações de gênero no campo das práticas corporais de combate.

Outro fato a ser destacado é que dos seis artigos, cinco foram publicados em revistas internacionais e um em revista brasileira. Embora a internacionalização das publicações seja um aspecto comum na produção acadêmica, o fato de três revistas, das cinco internacionais, possuírem acesso restrito ao conteúdo dos artigos, em que a aquisição das informações depende da compra do acesso aos textos, pode dificultar o acesso às informações e ao desenvolvimento de análises sobre este fenômeno, integrando as críticas sobre ciência aberta existentes atualmente.

No que concerne à autoria, podemos perceber que Fabiana Turelli e Alexandre Vaz participaram da construção de quatro estudos. David Kirk participou de três textos, enquanto Chloe Maclean e Carlos María Tejero-Gonzalez participaram de dois artigos cada. Esse processo evidencia uma centralidade de estudos destes autores e autoras, que embora apresentem importantes discussões e sejam pioneiros(as) neste campo de estudos, são poucos autores. Desse modo, tem-se uma concentração de estudos sobre o tema em tela em uma quantidade restrita de autores. Nesse sentido, emerge a necessidade da publicização de demais estudos e de uma diversidade maior de autores e autoras advindos/as de diferentes contextos socioculturais, para que se possa tensionar as informações investigadas e gerar novas percepções.

Da produção encontrada, um estudo foi produzido no Brasil e cinco artigos têm como local de estudo países europeus como Espanha (3), Inglaterra (2) e Escócia (2)². Esse aspecto contribui para a compreensão das relações de gênero no karatê nesses espa-

² Os estudos de Maclean (2018) e Maclean (2019) foram realizados em duas academias distintas, uma na Inglaterra e uma na Escócia.

ços, mas carece de investigações em demais regiões como África, América, Ásia e Oceania. A importância do desenvolvimento de estudos em uma diversidade maior de regiões decorre das disposições particulares inerentes a cada campo cultural, que possuem diferentes aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais que permeiam as distintas localidades, impactando no desenvolvimento das percepções sobre as relações de gênero e que precisam ser analisadas sob o ponto de vista de estudos e pesquisa científicos.

Todos os artigos encontrados envolvem o desenvolvimento de recursos metodológicos com base na etnografia. Mariante Neto, Vasques e Stigger (2021) destacam que a compreensão dos processos socioculturais das práticas corporais de combate é complexa, pois envolve o entendimento de códigos e signos provenientes de distintos campos culturais, fazendo com que esse fenômeno se tornasse escopo de diferentes campos de estudos, como as ciências humanas. Dessa forma, ao adotar métodos antropológicos, como a etnografia e a autoetnografia, os autores e autoras buscam compreender as disposições socioculturais emanadas do karatê a partir de uma visão “de perto e de dentro” (Magnani, 2002, p. 11), em que os autores e autoras adentram esses campos culturais e vivenciam suas disposições.

3.1 Relações de gênero no karatê

Maclean (2018) buscou refletir, a partir de uma etnografia de seis meses, sobre as construções das relações de gênero entre homens e mulheres em duas academias de karatê, uma na Escócia e uma na Inglaterra. Nas academias investigadas, percebeu-se que as relações entre homens e mulheres são transformadas em amizades através da partilha de uma intimidade prática mutuamente respeitosa e de brincadeiras inclusivas e alegres. Esse fato desafia a ideia de que as amizades dos homens nos esportes são puramente competitivas. Nesse sentido, as mulheres conseguem integrar de maneira lúdica, sendo publicamente engraçadas e compartilhando risadas.

Maclean (2019) desenvolveu um estudo que teve como objetivo compreender como os/as praticantes de karatê constroem e desconstroem as concepções de gênero a partir do compartilhamento de experiências em academias de karatê. A autora realizou uma etnografia de nove meses em três clubes de karatê, localizados na Escócia e na Inglaterra. As construções corporais de gênero perpassam dois elementos específicos: (i) o nível de graduação e (ii) as imposições corpóreas. Embora homens e mulheres executassem as mesmas técnicas, a maneira como aplicam os movimentos e utilizam os espaços das academias é distinta. Há diferenças no volume do kiai e na ocupação dos espaços das academias. Percebeu-se maior territorialização dos homens, pelo fato de gritarem o kiai mais alto e usarem mais espaços da academia. Embora alguns homens possuíssem graus de faixas menores, conseguiam maior territorialização. O fato de as mulheres serem mais calmas e ocupar menos espaços incorporam uma compreensão de subordinação de suas habilidades em detrimento aos homens.

Quando analisamos os estudos de Maclean (2018) e Maclean (2019), podemos perceber que quando as relações de gênero são definidas de forma voluntária, a partir de conversas formais, informais e em momentos de descanso, homens e mulheres interagem mutuamente em um ambiente harmonioso e respeitoso, como destaca Maclean (2018). Todavia, quando os atores e atrizes entram em ação – a partir da realização dos movimentos – revestem-se de uma armadura que direciona essas relações a uma competência estritamente técnica que envolve a imposição corporal como um elemento que opera para a hierarquização dos gêneros. Esse fato é evidenciado quando mesmo mulheres com maior nível de graduação incorporam a ideia de subordinação a homens menos graduados. Tais dados aludem para que o campo das lutas e artes marciais, sobretudo dentro dos espaços para as práticas corporais (dojôs ou equivalente), ainda são territórios de dominação masculina, haja vista seu lastro histórico de constituição baseada na hierarquização entre gêneros.

Contudo, Maclean (2018) não apresentou subsídios para que possamos compreender se a imposição corporal a partir da ocupação dos territórios da academia e do grito de kiai é um ato voluntário dos homens, com objetivo específico de hierarquizar as relações de gênero ou se essas ações decorrem de um maior número de homens no espaço, gerando maiores coesões entre eles. Tais fatos demonstram a necessidade de maior aprofundamento de estudos a esse respeito em uma diversidade maior de contextos de prática do karatê em diversas localidades do mundo.

Turelli e Vaz (2011) realizaram uma etnografia de três meses em uma academia de karatê do município de Florianópolis, Brasil. Objetivou-se compreender as relações dos homens com a dor e o sofrimento corporal como afirmações de masculinidades. Enquanto a pesquisadora se apresentava como lutadora faixa preta de karatê, os homens possuíam uma relação mais próxima com ela. Todavia, quando a pesquisadora assume o papel unilateral de pesquisadora, os homens modificam seu comportamento, emergindo comportamentos ríspidos e uma busca pela maior autoafirmação masculina no espaço. Desse modo, houve uma aproximação entre os homens e o sentimento de dor, em que buscava-se provar a masculinidade a partir da resistência a dor.

Os resultados de Turelli e Vaz (2011) coadunam com os de Maclean (2019), em que os homens se impõem contra possíveis “ameaças” ao poder exercido em seu campo de atuação hegemônica. Essa imposição corporal é um mecanismo utilizado para a demarcação de fronteiras entre os gêneros, inclusive, demarcando limites entre os próprios homens a partir da enunciação da masculinidade hegemônica (Connell; Messerschmidt, 2013). Embora possa haver amizades e relações próximas entre homens e mulheres no karatê (Maclean, 2018), essas relações possuem demarcações específicas, isto é, podem acontecer, desde que não “ameacem” simbolicamente a hegemonia e dominação masculina dentro desse campo.

Turelli, Vaz e Kirk (2023) realizaram um estudo autoetnográfico entre 2019 e 2020 na seleção espanhola de karatê feminino, além de entrevistas com 14 mulheres. Objetivou-se apresentar fatores

que impactam a construção de suas subjetividades corporificadas. As atletas têm como base o modelo de luta masculino, considerando-o como uma forma de luta mais efetiva, embora tenham ciência de que nem todos os homens apresentam padrões de desempenho melhores que as mulheres da seleção. Ao buscarem elevar seu padrão de desempenho, essas mulheres enfrentam preconceitos concernentes à sua sexualidade, tendo que atestar sua feminilidade a partir da exposição de feminilidades normativas pautadas em comportamentos delicados e suaves. Desse modo, as mulheres precisam negociar determinadas versões de si mesmas, pautadas em ambivalências que operam ora no campo desportivo e técnico, ora no campo das relações sociais. Todavia, embora a corporificação dessas subjetividades precise seguir determinados padrões comportamentais, as mulheres também desafiam ou confrontam estruturas quando lutam por aspectos da sua concepção de autenticidade.

Turelli *et al.* (2022a) realizaram um estudo etnográfico durante o 24º Campeonato Mundial de Karatê Madrid, no ano de 2018, buscando compreender as negociações relacionadas ao espaço da mulher no karatê. Os resultados apontam que as mulheres buscam se adaptar às normativas do campo do karatê, demonstrando combatividade e agressividade para serem respeitadas no ambiente. Dessa forma, sobre as mulheres recai a pressão de apresentar bons resultados esportivos, agir com combatividade e ao mesmo tempo, são reguladas pela feminilidade hegemônica, em que a mulher deve corresponder a padrões de beleza específicos e apresentar comportamentos tidos como femininos, como a delicadeza e a suavidade dos gestos, ou seja, podem se expressar desde que não ameacem a soberania masculina e ajam de acordo com os ideais tidos como femininos dentro desse campo.

Turelli *et al.* (2022b) buscaram compreender se existe um estilo de luta particular das mulheres. Enquanto recurso metodológico, utilizou-se um estudo etnográfico com a seleção feminina espanhola de karatê em preparação para os jogos olímpicos de Tóquio. Também foram realizadas 14 entrevistas com as atletas

e quatro entrevistas com seus treinadores, além da análise de 28 vídeos de atletas femininas. As mulheres destacaram que as lutas dos homens somam mais pontos. Todavia, a partir das análises dos vídeos, percebeu-se que as lutas das mulheres são ativas e com muitos ataques. A comparação do rendimento entre homens e mulheres está ligada às especificações das regras do *kumite*³, como critérios que o golpe precisa cumprir para resultar em uma pontuação, centralizando-se em uma análise subjetiva dos árbitros. A autoria destaca que existe um direcionamento à determinadas formas “femininas” de aprender a lutar, como a apresentação concomitante de posturas combativas e delicadas. Contudo, existe uma ampla pluralidade de estilos entre essas atletas.

Turelli *et al.* (2022b) destacam ainda que no universo do karatê, o termo “lutar como uma menina” significa ter um desempenho inferior aos homens, estigma cristalizado no seio da sociedade, em que atributos pautados na masculinidade hegemônica são a regra e a régua dos padrões de comportamento (Devide; Brito, 2021). Turelli *et al.* (2022a) também destacam que existe um determinado entendimento de que as mulheres devem se envolver com mais ênfase no *kata*⁴. O *kumite*, a “luta real”, parece ser um universo ainda mais ligado ao campo masculino. Em vistas disso, embora as mulheres realizem altos padrões de desempenho desportivo no *kumite*, elas atuam sob uma pedagogia marcial tradicional que impõe fronteiras entre os gêneros a partir da concepção binária e hegemônica que busca inferiorizar as mulheres.

A partir do exposto, podemos perceber que as mulheres sofrem pressões específicas: (i) pressão por padrão de desempenho e (ii) pressão para demonstrar sua feminilidade. Dessa forma, quando as mulheres conseguem desenvolver altos padrões de desempenho esportivo, precisam, por outro lado, mostrar seu “lado feminino” para não serem estigmatizadas, cumprindo normatizações sociais para se manterem na equipe. Essa ambivalência gera tensões nes-

³ *Kumite* é o nome japonês da modalidade do karatê que equivale ao combate propriamente dito, organizado por categorias de peso (TURELLI *et al.* 2022b).

⁴ Nome em japonês que designa a modalidade que equivale a uma sequência fixa de golpes dados contra um adversário imaginário, apresentada como uma *coreografia* a uma equipe de juízes que avalia um competidor por vez, definindo o vencedor (TURELLI *et al.* 2022b).

sas mulheres, dificultando a construção de sua corporificação social. Tal perspectiva demonstra que as mulheres podem praticar karatê, inclusive no alto rendimento, desde que tenham condutas tidas como aceitáveis e desejáveis, pautadas na feminilidade, não ameaçando a dominação masculina dentro desse campo.

Quando apresentamos o termo corporificação social, nos remetemos a Connell (2016, p. 48), em que a autora destaca que esse termo se refere “ao processo coletivo e reflexivo que envolve os corpos em dinâmicas sociais, e as dinâmicas sociais nos corpos”. Nesse sentido, a corporificação social é um processo histórico construído por distintas realidades históricas, limitações e vulnerabilidades dos atores e atrizes envolvidos/as em seu processo de desenvolvimento.

Emerge desse constructo, uma necessidade ainda pouco explorada na literatura científica nacional e internacional, ligada à compreensão das relações entre interseccionalidade que articulem a temática do gênero com outras questões tais como classe social, nível de prática na modalidade, peso corporal, região ou estilo que pratica, entre outras questões (Akotirene, 2019).

O regime patriarcal parece ser normatizado em outras práticas corporais de combate, em que as mulheres precisam negociar sua participação a partir de posturas agressivas no boxe, como salientam Mariante Neto e Wenez (2022), na capoeira, como inferem Lima *et al.* (2023) e no MMA, como apontam Silva, Jaeger e Silva (2020). Essa negociação incube em sua aceitação nos grupos, em que para serem aceitas, precisam se aproximar, de alguma forma, dos ideais masculinos.

Ao analisarmos as percepções das atletas da seleção feminina de karatê da Espanha (Turelli *et al.* 2022b; Turelli, Vaz e Kirk, 2023), percebemos que as mulheres, mesmo sendo atletas de elite, são impactadas pelas estruturas patriarcais desencadeadas na sociedade. Essas estruturas também são visíveis no campo do karatê, como apontam Maclean (2018) e Maclean (2019), que embora homens e mulheres tenham relações de amizade, no momento dos treinos há comportamentos que direcionam as mulheres como subalternas ao domínio dos homens.

Embora possamos perceber que existem determinadas negociações para a participação das mulheres nas artes marciais e esportes de combate, essa inserção contribui para a construção de novas configurações sobre a ideia de ser mulher lutadora, corroborando para possibilidades de subversão do estigma do “sexo frágil” (Lima; Macêdo; Millen Neto, 2023).

4. Considerações finais

Este estudo teve como objetivo compreender as relações de gênero no karatê. Os resultados mostraram-se incipientes, uma vez que apenas seis estudos foram encontrados, sendo cinco desenvolvidos entre 2018 a 2023. Os resultados também apresentaram determinada centralidade de autores e autoras na produção das pesquisas, em que apenas cinco autores e autoras participaram da construção dos textos. Também se destaca que, dos seis artigos, cinco foram desenvolvidos na Europa – Espanha, Inglaterra e Escócia – mostrando que este campo de estudos está centralizado nessas regiões.

Conclui-se que o campo do karatê, dentro dos espaços investigados, possui salvaguarda às disposições masculinas, em que as mulheres precisam negociar sua participação a partir da adoção de posturas agressivas e combativas. Concomitantemente, as mulheres têm seu comportamento regulamentado pela feminilidade normativa, em que devem apresentar comportamentos tidos, a partir de uma visão machista e misógina, como comportamentos essencialmente femininos, como a delicadeza da postura e corresponder a padrões de beleza específicos, ou seja, tendem a ser aceitas nos espaços de prática desde que seus comportamentos sejam próximos aos ideias esperados para as condutas femininas e não ameacem a hegemonia e a dominação masculina nessa prática.

No universo do karatê, há uma predisposição para que as mulheres desenvolvam melhores habilidades no *kata* e os homens desenvolvam habilidades no *kumite*. Essas inferências estão ligadas ao fato de o karatê ser atravessado por ideais de masculinidade hegemônica, que considera o combate e a agressividade como

atributos eminentemente masculinos, como os embates físicos no *kumite* e as mulheres apresentarem delicadeza, precisão e sensualidade nos movimentos, como no *kata*.

À vista disso, os binarismos homem/mulher, pautados na masculinidade hegemônica e feminilidade normativa, são confrontados a partir da maior fluidez nas relações sociais, incumbidas pela apresentação de formas singulares de apropriação, interpretação e vivência das práticas corporais. Dessa forma, não existe apenas um modo de ser masculino e um modo de ser feminino, mas distintas apropriações concernentes às diferentes culturas, identidades e percepções.

Este estudo possui algumas limitações, como: (i) número reduzido de artigos encontrados; (ii) centralidade da autoria e dos locais de análise e (iii) os dados deste estudo foram analisados sob a ótica masculina. Apesar disso, espera-se poder contribuir com as discussões sobre a temática em questão, fato que ainda carece de maior ampliação de estudos que fundamentem propostas de reversão da hegemonia masculina nas práticas corporais das lutas, a exemplo do que acontece no campo do karatê.

Referências

ADELMAN, M. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-29, 2006. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2889>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2889>. Acesso em: 21 jul. 2024.

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

AMARAL, L. L.; MAZZEI, Leandro Carlos. Fatores críticos de sucesso esportivo no karatê do Brasil a partir de sua inclusão ao programa olímpico oficial. **Revista de Artes Marciales Asiáticas**, León, v. 16, n. 2, p. 100-115, 2021. Disponível em: <https://revpubli.unileon.es/index.php/artesmarciales/article/view/6875>. Acesso em: 21 jul. 2024.

BOTELHO, L.; A. CUNHA, C. C.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e sociedade**, Belo Horizonte, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011. Disponível em: <https://ges.face.ufmg.br/index.php/gestaoesociedade/article/view/1220>. Acesso em: 21 jul. 2024.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Usingthematicanalysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706QP063OA>. Acesso em: 21 jul. 2024.

CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 21 jul. 2024.

CONNELL, R. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.

CHANNON, A; MATTHEWS, C. R. "It is what it is": Masculinity, homosexuality, and inclusive discourse in mixed martial arts. **Journal of homosexuality**, [s. l.], v. 62, n. 7, p. 936-956, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00918369.2015.1008280>. Acesso em: 21 jul 2024.

DEVIDE, F.; BRITO, L. **Estudos das masculinidades na Educação Física e no Esporte**. São Paulo: nVersos, 2021.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, N; DUNNING, E. **A busca da excitação**: desporto e lazer no processo civilizacional. Coimbra: Edições 70, 2019.

FERNANDES, V. *et al.* Mulheres em combate: representações de feminilidades em lutadoras de Boxe e MMA. **Revista da educação física/UEM**, Maringá, v. 26, p. 367-376, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v26i3.26009>. Acesso em: 21 jul. 2024.

GOELLNER, S. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 19, p. 45-52, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/vbn6CksZ5vyDDpKrCZPwMhS/?lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2024.

GRESPLAN, C.; GOELLNER, S. Fallon Fox: um corpo queer no octógono. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1265-1282, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/46216/32479>. Acesso em: 21 jul. 2024.

LIMA, G.; MACÊDO, C; MILLEN NETO, A. R. Reflexões sobre a participação das mulheres no campo das artes marciais e as representações de gênero incutidas nesse processo. **Revista Cocar**, Belém, v. 18, n. 36, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7138/3020>. Acesso em: 20 fev. 2023.

LIMA, G. A. *et al.* "Isso não vai tirar a feminilidade dela de forma alguma": percepções de jovens mulheres sobre as relações de gênero na capoeira. **Conexões**, Campinas, v. 21, p. e023034, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/conex.v21i00.8674393>. Acesso em: 21 jul. 2024.

MACLEAN, C. Knowing your place and commanding space: de/ constructions of gendered embodiment in mixed-sex karate. **Leisure Studies**, Nova Iorque, v. 38, n. 6, p. 818-830, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02614367.2019.1632919>. Acesso em: 21 jul. 2024.

MACLEAN, C. Friendships worth fighting for: bonds between women and men karate practitioners as sites for deconstructing gender inequality. *In*: CHANNON, A. *et al.* **Sex Integration in Sport and Physical Culture: Promises of Pitfalls**. Nova Iorque: Routledge, 2018. p. 264-274.

MACLEAN, C. Beautifully Violent: The Gender Dynamic of Scottish Karate. In: CHANNON, A.; MATTHEWS, C. R. (rg.). **Global Perspectives on Women in Combat Sports**. Londres: Palgrave, 2015.

MAGNANI, J. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2024.

MARIANTE NETO, F. P.; WENETZ, I. Mulheres no boxe: negociações de masculinidade (s) e feminilidade (s) na academia. **Movimento**, Porto Alegre, v. 28, p. e28004, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/111694>. Acesso em: 21 jul. 2024.

MARIANTE NETO, F. P.; VASQUES, D. G.; STIGGER, M. P. "Se perder e der show, vai lutar de novo!" MMA e o conceito de esporte. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, p. e27030, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/108259>. Acesso em: 21 jul. 2024.

SAMPAIO, Ra; MANCINI, M. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica.

Brazilian Journal of Physical Therapy, São Carlos, v. 11, p. 83-89, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbfis/a/79nG9Vk3syHhnSgY7VsB6jG/>. Acesso em: 21 jul. 2024.

SMITH, R.; WEINSTEIN, E; TANUR, J. Women, Karate, and Gender Typing. **Sociological Inquiry**, Califórnia, v. 51, n. 2, p. 113-120, 1981. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1475-682X.1981.tb01034.x>. Acesso em: 21 jul. 2024.

SILVA, G. O. S.; JAEGER, A. A.; SILVA, P. Mulheres atletas e artes marciais mistas: uma revisão sistemática qualitativa. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 23, n. 1, p. 01-21, 2020. Disponível em: [Link: https://revistas.ufg.br/fef/article/view/57482](https://revistas.ufg.br/fef/article/view/57482). Acesso em: 21 jul. 2024.

SOUZA, J.; FRANCO, L. As resistências culturais enfrentadas pela mulher no âmbito das modalidades de lutas. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 33, n. 64, p. 1-22, 2021. Acesso em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/77006>. Acesso em: 21 jul. 2024.

TURELLI, F.; VAZ, A.; KIRK, D. 'I've Always Fought a Little against the Tide to Get Where I Want to Be': construction of Women's Embodied Subjectivity in the Contested Terrain of High-Level Karate. **Social Sciences**, Basileia, v. 12, n. 10, p. 538, 2023. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-0760/12/10/538>. Acesso em: 21 jul. 2024.

TURELLI, F *et al.* 'Fighting like a girl': qualitative analysis of the gendered movement learning in the Spanish Olympic karate team. **Physical Education and Sport Pedagogy**, [s. l.], v. 27, n. 4, p. 1-18, 2022b. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17408989.2022.2125947>. Acesso em: 21 jul.2024.

TURELLI, F *et al.* Performar como mujer en el kárate Olímpico: un análisis cualitativo del Mundial 2018. **Educación Física y Ciencia**, La Plata, v. 24, n. 2, p. 1-18, 2022a. Disponível em: <https://efyc.fahce.unlp.edu.ar/article/view/efyce213>. Acesso em: 21 jul. 2024.

TURELLI, F.; VAZ, A. F. Lutadora, pesquisadora: lugares, deslocamentos e desafios em uma prática investigativa. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, , n. 3, p. 895-910, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/ysbDvrd5LqK3VJZZx4xfdPc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 jul.2024.

VIEIRA, A. F. B.; FREITAS JÚNIOR, M. A. **Norbert Elias em debate**: usos e possibilidades de pesquisa no Brasil. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020.



Relações de gênero no karatê: uma revisão integrativa

George Almeida Lima . Daniel Giordani Vasques . Flávio Py Mariante Neto . Heraldo Simões Ferreira .
Luiz Gustavo Bonatto Rufino

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.